

ASPECTOS RELIGIOSOS, ÉTICOS E ECOLÓGICOS DA MORTE EM VÁRIAS CULTURAS. *REVERDERE AD LOCUM TUUM: RETORNA AO TEU LUGAR!*

RELIGIOUS, ETHICAL AND ECOLOGICAL ASPECTS OF DEATH IN VARIOUS CULTURES. REVERDERE AD LOCUM TUUM: RETURN TO YOUR PLACE!

ASPECTOS RELIGIOSOS, ÉTICOS Y ECOLÓGICOS DE LA MUERTE EN VARIAS CULTURAS: REVERDERE AD LOCUM TUUM: ¡VUELVE A TU LUGAR!

Alessandra Martins de Brito¹
Sandra Morais Ribeiro dos Santos²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir e demonstrar as similaridades encontradas nas religiões que cultivam a ancestralidade e, em função de sua concepção de vida, o destino que é dado aos mortos em seus rituais fúnebres. Não há necessidade de o ser humano participar ou comungar de um núcleo religioso para ser inserido em dois rituais de passagem na sua existência: o nascimento e a morte. Tendo como base uma abordagem sem tendências religiosas, o propósito é analisar como um ritual repleto de dor pela separação de um ente querido — nas culturas religiosas que farão parte desta pesquisa —, consegue amenizar o luto e até mesmo proporcionar bálsamo a quem fica. Através de pesquisa bibliográfica, pretende-se identificar a presença destes ritos e rituais em culturas diversas e que têm sido temas de discussões e debates filosóficos e religiosos através dos tempos.

Palavras-chave: campo santo; ritos; rituais; vida; *post-mortem*.

Abstract

This article aims to reflect and demonstrate the similarities found in religions that cultivate ancestry and, due to their conception of life, the fate that is given to the dead in their funeral rituals. There is no need for human beings to participate or share in a religious nucleus to be included in two rites of passage in their existence: birth and death. Based on an approach without religious tendencies, the purpose is to analyze how a ritual full of pain for the separation of a loved one — in the religious cultures that will be part of this research —, manages to ease the mourning and even provide balm to those who stay. Through bibliographical research, it is intended to identify the presence of these rites and rituals in different cultures and that have been themes of discussions and philosophical and religious debates over time.

Keywords: campo santo; rites; rituals; life; *post-mortem*.

Resumen

El presente artículo tiene el objetivo de reflexionar y demostrar las similitudes encontradas en religiones que cultivan la ancestralidad y, a partir de su concepción de vida, el destino que se les da a los muertos en sus rituales fúnebres. No es necesario que un ser humano participe o comulgue con un grupo religioso para que sea incluido en dos ritos de pasaje en su existencia: el nacimiento y la muerte. Sin asumir una tendencia religiosa específica, el propósito es analizar de qué forma un ritual pleno de dolor por la separación de un ente querido — en las culturas que integran esta investigación —, logra amenizar el luto y ofrecerle consuelo a quienes se quedan. Por medio de investigación bibliográfica, se pretende identificar la presencia de ritos y rituales en culturas diversas, los cuales han sido objeto de discusión y debates filosóficos y religiosos a lo largo del tiempo.

¹ Graduada em Licenciatura em Ciências da Religião pelo Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: ale.mbrito@gmail.com.

² Doutoranda e Mestre em Teologia, Especialista em História das Religiões e Docência em EAD, Teóloga e Pedagoga, professora da área de Humanidades do Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: kaluribeiro@gmail.com.

Palabras-clave: camposanto; ritos; rituales; vida; *post-mortem*.

1 Introdução

A dualidade entre vida e morte é companheira do ser humano desde épocas imemoriais. Registros encontrados em textos antigos e em desenhos rupestres dão exemplo dessas questões filosóficas e existenciais, inerentes a todo ser humano que, ao menos uma vez em sua vida, já se questionou: “De onde vim e para onde vou”.

Para Gaarder, Hellern e Notaker (2000, p. 8), esses questionamentos existenciais são a base das religiões. Todas as civilizações possuem registro de práticas religiosas em algum momento da sua história. Essa inquietação filosófica sobre questões existenciais é responsável por um processo civilizatório e a consolidação de núcleos sociais que possuem um mesmo ideal ou partilham um pensamento similar sobre o assunto; esses núcleos sociais são responsáveis por transmitir às futuras gerações a sua preocupação e o seu cuidado ao tratar de seus mortos.

Como esclarece Elias (1982, p. 8) “Ideias da morte e os rituais correspondentes tornam-se um aspecto da socialização. Ideias e ritos comuns unem pessoas; no caso de serem divergentes, separam grupos”. Enfim, a morte, através dos inúmeros questionamentos que traz ao ser humano, é uma das responsáveis diretas pela construção de narrativas em disciplinas acadêmicas como Filosofia, História, Sociologia e Antropologia. A preocupação em tentar defini-la e elucidar o que acontece após a vida trouxe avanços nos campos científicos, contribuindo para uma expectativa maior de existência física.

O tema também é relevante e constante em mitos, fábulas, poemas e liturgias religiosas. Cidades foram construídas e deuses exaltados e agraciados, na intenção de que fosse concedida ao viajante uma boa passagem entre os mundos. Orações, cânticos, mantras, preces são proferidos por aqueles que ficam, no intuito de que os que partiram possam continuar sua jornada, seja esta onde sua crença o condiciona a acreditar que ela exista.

Sendo assim, pretende-se através desta pesquisa averiguar como as culturas conviveram com a vida e como compreenderam a morte pois, independentemente de crença religiosa ou do ritual realizado na despedida, a intenção é única: que o ente querido, em sua partida terrena, possa seguir em paz, alcançando a felicidade; aos que continuam na existência terrena, que sua memória seja para sempre reverenciada.

2 Ritos e rituais de passagem em distintas culturas litúrgicas

Para compreender a importância de um ritual, é pertinente analisar a sua representação no contexto de quem o pratica; para isso, é preciso relacionar o conceito associado aos ritos e, por consequência, aos mitos.

Quando a palavra mito é mencionada — remetindo à mitologia de um povo —, é fundamental memorar que o que hoje se denomina como mito, para determinado povo e cultura foi uma religião; os deuses cultuados tinham relevância e, como tal, devem ser respeitados.

Toda mitologia vem de um fato que, em algum momento da História, contou uma história e teve notoriedade e representatividade para quem nela acreditou. Analisando a estrutura dos mitos, pode-se observar que é a narração de um evento que, até o momento de sua criação, não era possível de ser explicado em outra linguagem; tem a função prática de informar os motivos ou consequências que ocasionou um determinado fato.

Isto é muito bem avaliado por Priest (2001), ao citar a James Bar, que diz:

[...] o mito é uma totalidade antes de mais nada porque o pensamento mitológico luta por uma visão total do mundo, por uma interpretação ou significado de tudo o que for relevante. A mitologia não é uma manifestação periférica, nem um luxo, mas uma tentativa séria de integração de realidade e experiência, consideravelmente mais séria do que hoje chamamos casualmente de 'filosofia de vida'. Seu objetivo é a totalidade do que é significativo para as necessidades humanas, materiais, intelectuais e religiosas. Possui, portanto, aspectos que correspondem à ciência, à lógica e à fé, e seria errado ver o mito como um substituto distorcido de qualquer uma destas (BAR, 1959, p. 3 apud PRIEST, 2001, p. 32-33).

Por vezes, tem-se testemunhos muito similares contados em tempos cronologicamente diferentes, mas que apresentam os mesmos personagens condutores da história. Por exemplo, na Bíblia Sagrada, tem-se o dilúvio vivido por Noé e todo seu esforço para dar continuidade a uma existência que seria dizimada; na Epopeia de Gilgamesh³, considerada a literatura mais antiga conhecida, é possível encontrar também um relato de um dilúvio vivido por Utnapistim⁴.

O próprio tempo traz à memória a questão da finitude de tudo o que existe, quando presenteia a todos os seres diariamente com 86.400 segundos, para então dar início a um novo ciclo, registrando uma nova data. Assim se repete diariamente, até que se comemora, ao fim de 12 meses, o início de um novo ano.

Quando se fala em ritos e rituais, é importante observar a sacralidade que eles têm para os seus participantes e a continuidade transmitida a través de gerações. Eliade (1992, p. 38) elucida a sua importância, quando afirma que “toda festa religiosa, todo Tempo litúrgico,

³ Antigo poema épico escrito pelos Sumérios, na região da Mesopotâmia, aproximadamente em 2000 a.C. (WILKEN, 1967).

⁴ Personagem ancião da Epopeia de Gilgamesh, encarregado de construir um grande barco a fim de preservar a vida (WILKEN, 1967).

representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, *nos primórdios*”.

3 A crença em uma pós-vida ou *post-mortem*

As religiões mesopotâmicas e gregas tinham em seus cultos politeístas uma crença similar, a continuação da existência após a vida. Nas narrativas encontradas e também em escavações arqueológicas, foi possível identificar que possuíam um rito fúnebre composto por rituais apropriados à condição do morto na sociedade.

Estes rituais demonstram um cuidado e uma preocupação com a nova vida que o morto teria, de maneira que, além do processo de tratamento do corpo, também o abasteciam com provisões para a sua nova jornada. A preservação do corpo é uma das insígnias do povo egípcio, que permitiu às civilizações posteriores conhecer sua cultura, hierarquia organizacional e religiosidade.

A crença em uma continuação pós-vida contribuiu para que os egípcios tivessem preocupação, nesta existência, com os seus atos e conduta individual e coletiva; é possível conhecer tais preocupações em uma coletânea de textos, o conhecido *Livro dos Mortos*, ou originalmente, *Livro de Sair para a Luz*. Acreditavam que os perigos vivenciados por um egípcio em terra, também poderiam acozá-lo no além; para livrá-lo de destino indesejável, era necessário dispor de ritos protetores, fórmulas ou feitiços de proteção.

Em sua tese *Cartografias do Além*, Matias (2016, p. 41) esclarece que “adquirir um *Livro dos Mortos* era uma ação fundamental tanto do ponto de vista concreto quanto do ponto de vista simbólico, sobremaneira pela capacidade que este material funerário possuía no sentido de guiar o morto em sua jornada *post-mortem*.”

A continuidade existencial era uma característica marcante dessa cultura, conforme relata Matias (2016, p. 123). O autor cita que a responsabilidade de preparação dos ritos fúnebres, que iam da mumificação até o enterramento, era da família. Também caberia ao morto sua continuidade no mundo de *Duat*⁵. Ele dependeria dos familiares para que depositassem oferendas em seu túmulo, mas também de fórmulas e hinos que deveria ter aprendido em vida, constantes no *Livro de Sair para a Luz*, pois em sua nova condição teria que, entre tantos outros processos, pronunciar em nome dos deuses, suas *confissões negativas*, relatando que não havia roubado, matado, mentido etc.

⁵ *Duat* – Universo egípcio dos mortos, concebido com base no mundo dos vivos (*Kemet*), constituído como uma continuação da vida terrena (MATIAS, 2015, p. 51).

O Livro Tibetano dos Mortos (Bardo Thodol), também tem essa função, ao fazer advertências sobre o estado de consciência que o falecido irá enfrentar. De tradição oral originalmente, é possível saber que as experiências vividas poderão facilitar ou dificultar o *post-mortem* até um possível renascimento; logo no primeiro Bardo faz referência à finitude terrena, ao exortar que “o Tempo caminha em direção a ti para te levar a novos planos de realidade”.

4 Campo-santo ou cemitério?

Lugares consagrados aos ritos fúnebres e seus rituais, como o velório (presente no lamento pelo ente que se foi), o tratamento destinado ao corpo (como o embalsamamento) e o sepultamento (enterro em cavernas ou grutas), também estão no livro sagrado dos cristãos, a Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento. É necessário conceder ao morto um descanso ao corpo; somente se diferencia o modo como será enterrado, se coletiva ou individualmente, dependendo da sua condição em vida.

A Bíblia narra todo esse processo quando relata, em um primeiro momento, a atitude do pai das três religiões abraâmicas no falecimento de sua esposa Sara — “e morreu Sara em Quiriate-Arba, que é Hebrom, na terra de Canaã; e veio Abraão lamentar Sara e chorar por ela” (Gn 23, 2) —, os preparativos para seu enterro — “estrangeiro e peregrino sou entre vós; dai-me posseção de sepultura convosco, para que eu sepeulte a minha morta de diante da minha face” (Gn 23, 4) —, até o enterro de sua querida — “e depois sepultou Abraão a Sara sua mulher na cova do campo de Macpela, em frente de Manre, que é Hebrom, na terra de Canaã.” (Gn 23, 19).

Pode-se constatar a cultura de ancestralidade e descendência — que hoje se encontra nas lápides familiares dos cemitérios —, também presente na Bíblia, quando o próprio Abraão e seus descendentes são enterrados na gruta de Macpela, conhecida como a Caverna dos Patriarcas:

E Abraão expirou, morrendo em boa velhice, velho e farto de dias; e foi congregado ao seu povo; E Isaque e Ismael, seus filhos, sepultaram-no na cova de Macpela, no campo de Efrom, filho de Zoar, heteu, que estava em frente de Manre, O campo que Abraão comprara aos filhos de Hete. Ali está sepultado Abraão e Sara, sua mulher (BÍBLIA, A.T. Gênesis 25, 8-10).

Continua no desejo de Jacó, quando este acaba de conceder sua bênção aos filhos, que se tornariam as doze tribos de Israel, e vem a falecer:

Depois ordenou-lhes, e disse-lhes: Eu me congrego ao meu povo; sepultai-me com meus pais, na cova que está no campo de Efrom, o heteu. Na cova que está no campo de Macpela, que está em frente de Manre, na terra de Canaã, a qual Abraão comprou com aquele campo de Efrom, o heteu, por herança de sepultura. Ali sepultaram a Abraão e a Sara sua mulher; ali sepultaram a Isaque e a Rebeca sua mulher; e ali eu sepultei a Lia. O campo e a cova que está nele, foram comprados aos filhos de Hete. Acabando, pois, Jacó de dar instruções a seus filhos, encolheu os pés na cama, e expirou, e foi congregado ao seu povo. (BÍBLIA, A.T. Gênesis 49, 29-33).

É possível identificar, também na Bíblia e na Tanakh⁶, a preparação dos corpos dos mortos, tal como nas culturas egípcias, gregas ou incas, e que também é praticada em religiões de matrizes africanas e indígenas. A Bíblia nos relata os cuidados que José destinou ao seu pai Jacó:

Então José se lançou sobre o rosto de seu pai e chorou sobre ele, e o beijou.

E José ordenou aos seus servos, os médicos, que embalsamassem a seu pai; e os médicos embalsamaram a Israel. E cumpriram-se-lhe quarenta dias; porque assim se cumprem os dias daqueles que se embalsamam; e os egípcios o choraram setenta dias (BÍBLIA, A.T. Gênesis 50, 1-3).

Não há que considerar que este era tão somente um rito antigo, praticado nas culturas primordiais; observa-se a sua perpetuação no Novo Testamento, na preparação do corpo de Jesus para ser sepultado após a crucificação. José de Arimateia solicita a posse de seu corpo para praticar os rituais fúnebres, envolve o corpo de Jesus em faixas de linho após tratá-lo com mirra e aloés, trazidos por Nicodemos. A mirra e o aloés, por serem uma mistura aromática, eram utilizados no processo de unção e embalsamamento dos corpos.

Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com as especiarias, como os judeus costumam fazer, na preparação para o sepulcro. E havia um horto naquele lugar onde fora crucificado, e no horto um sepulcro novo, em que ainda ninguém havia sido posto. Ali, pois (por causa da preparação dos judeus, e por estar perto aquele sepulcro), puseram a Jesus. (BÍBLIA, N.T. Evangelho de João 19, 40-42).

Dessa forma, percebe-se que o rito fúnebre e seus rituais acompanham os povos primevos e continuam com os advindos após a era cristã ou era atual; eles são necessários como rito de passagem de uma existência a outra. Assim como o parto é um ritual necessário ao nascimento e à consagração do mais novo membro familiar, na despedida e todos os rituais envolvidos, desde a comunicação do falecimento até o sepultamento ou cremação, o ritual é necessário como parte de um processo de compreensão do luto aos que ficam.

⁶ Tanakh ou Tanach (do hebraico תנ"ך) é a coleção israelita de escritos (24 ao todo) que deram origem ao Antigo Testamento da Bíblia Cristã. A palavra é um acrônimo "pelas três principais divisões da Bíblia Hebraica: Torá (Pentateuco ou "A Lei"), Nevi'im (Profetas) e K'tuvim (Escritos) (BÍBLIA JUDAICA, 2010, p. 21).

Não se pode esquecer que, além do sepultamento, a cremação também ocorria na antiguidade. Os gregos concediam a honraria da cremação aos mortos em batalhas, considerados dignos dessa homenagem e honraria; em contraposição, os hindus consideram a cremação como um desapego à individualidade ao unir-se ao Todo.

Ao refletir sobre a finitude da Vida e sobre a sua companheira irmã, comumente chamada de Morte, é imprescindível que a expressão dita por Coélet⁷, e também presente em Gênesis e no Eclesiastes seja analisada: “No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás” (Gn 3, 19), ou ainda “Todos vão para o mesmo lugar; todos procedem do pó, e ao pó tornarão” (Ecl 3, 20).

O propósito desta pesquisa não é analisar a veracidade das palavras, mas o seu contexto no tocante à inscrição que há em muitos cemitérios. Também pretende estudar o surgimento do cemitério para dar um destino único aos mortos, um local de homenagens — inclusive festivas, em culturas como a mexicana e a japonesa.

O sepultamento e todas as suas variantes assinala a passagem dos tempos e reforça uma identidade individual ou coletiva. Segundo conta Ariès (2014, p. 41-42), houve tempos em que o morto tinha sua sepultura individual, ou valas coletivas, sem caixão, fora da cidade, na cidade, em igrejas e até, como era o desejo dos anacoretas do deserto egípcio, deixados à própria sorte e caridade de algum viajante que o encontrasse. Um desses monges nos relata:

Encontrei uma caverna, e antes de lá penetrar, bati, como é de costume dos irmãos”. Sem resposta, entra e vê um irmão sentado e calado. “Estendo-lhe a mão, tomo-lhe o braço, que se desmancha em pó na minha mão. Palpei-lhe o corpo e compreendi que estava morto... Levantei-me então, rezei, recobrando o corpo com a minha capa, cavei a terra, o enterrei e saí (ARIÈS, 2014, 41-42).

Pode-se imaginar o cemitério como uma última expressão da filosofia de vida que o ser manteve. Inúmeras inscrições, datadas do século VI ao VIII d.C., nos informam sobre a importância dos túmulos dos mártires e sua contribuição na construção de capelas, basílicas e, até mesmo, bairros afastados construídos para esta finalidade, antes de se chegar ao formato dos cemitérios como hoje se conhece. Elias (1982, p. 23), referindo-se às lápides dos cemitérios, acredita que

[...] o que está escrito na pedra é uma mensagem muda dos mortos para quem quer que esteja vivo — um símbolo de um sentimento talvez ainda não articulado de que a

⁷ Coélet, Kohelet ou Qohélet (do hebraico קהלת) – “Aquele que sabe” ou “O que reúne”. Transliterado para grego Eclesiastes na Bíblia Hebraica (Tanack) ou Antigo Testamento. Normalmente é traduzido para o português como “O pregador”, o homem da Assembleia, o mestre ou orador. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2017, p. 1072; BÍBLIA JUDAICA, 2010, p. 1075).

única maneira pela qual uma pessoa morta vive é na memória dos vivos (ELIAS, 1982, p. 23).

Pode-se então presumir que também faz parte de um ritual o tributo do vivo ao seu ente querido pois, quase que em sua totalidade, as frases expressam o carinho dos descendentes. A maneira como uma pessoa se prepara para a morte e dialoga com seus familiares sobre um tema ainda considerado tabu, reflete como ela assumiu a sua vida.

O intuito dentro dessa questão é apresentar como este tema é vivenciado individualmente e os seus reflexos na sociedade contemporânea. A partir dessa perspectiva, nota-se a afirmação de Greschat (1998, p. 25), na qual a religião integra uma comunidade ou a divide, e que todo pesquisador precisa analisar a egrégora litúrgica do seu objeto de pesquisa:

Atos rituais incluem gestos e termos simbólicos cujo significado torna-se acessível à medida que se conhece o simbolismo da linguagem mitológica. De modo semelhante, para compreender o sentido dos princípios éticos de uma religião é preciso estudar suas doutrinas (GRESCHAT, 1998, p. 25).

Ainda com base nas reflexões de Elias, no tocante à atitude em cemitérios, observa-se que, em sua maior parte, há uma postura sisuda, que veementemente condena manifestações de alegria, por considerar que isso seria uma violação à paz e uma falta de respeito aos mortos. Entretanto é possível encontrar exceções, como a que se apresenta na cultura mexicana, que simplesmente tem outra concepção de respeito ao morto.

Tombado como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Unesco, o Dia dos Mortos no México é motivo de alegria e comemorações em cemitérios do país. Este ritual é de origem indígena e cultuado pelos povos pré-hispânicos da América Central. Essa homenagem coletiva à ancestralidade é realizada nos dias um e dois de novembro pois, para o povo mexicano, nestes dias os mortos possuem permissão para visitar seus familiares. Esta permissão é concedida desde que a família do morto pratique um rito muito simples: a lembrança.

O não esquecimento da existência é celebrado com um ritual no qual são oferecidas comidas típicas, as preferidas da pessoa quando viva. Tais alimentos são ofertados em altares adornados com flores, com incensos e velas, juntamente com fotos daqueles que estavam sendo lembrados.

Este ritual é realizado em ambiente familiar e no campo-santo e todos os que visitam são convidados a partilharem os alimentos. A função dessa celebração é transmitir aos mais jovens as histórias de família através das gerações.

5 Considerações sobre os elementos de similaridade nas culturas com relação à morte

A morte questiona todas as sociedades e culturas e impele o ser humano a profundas reflexões, baseadas na sua experiência de dor e sofrimento frente ao inevitável. Evidentemente, cada cultura tem sua forma de vivenciar tal situação, entretanto há algumas peculiaridades e similaridades interessantes.

Como se pode notar nas pesquisas, a crença em outra vida é um elemento comum em diversas culturas por ora pesquisadas, norteando os rituais estabelecidos para esse momento. Tal crença motivou, desde as primeiras civilizações humanas, inúmeros ritos visando preservar a memória do ente que se fora e a sacralidade do ritual. Destacam-se, por exemplo, os egípcios nos cuidados ao corpo inerte pela morte, o qual buscavam preservar através do processo de mumificação. Esse processo tornou possível que, após milênios, os restos mortais mumificados sejam estudados e os costumes de uma civilização redescobertos. Também pode-se citar a deusa mitológica romana Ceres⁸ que, inconformada pela morte de sua filha Perséfone⁹, determinou o ciclo das colheitas — primavera (simbolizando a vida) e inverno (simbolizando a morte).

Na Bíblia também podem-se notar inúmeras passagens falando sobre a morte. O texto de Eclesiastes (Coélet), por exemplo, incita à reflexão sobre o tema, quando afirma que tudo é vaidade; indica justamente as inúmeras vaidades humanas, pois tudo terminará um dia e as coisas materiais aqui ficarão. O mesmo Eclesiastes, em outra passagem bíblica, leva à compreensão de que tudo é um ciclo, quando afirma que há um tempo para tudo debaixo do Sol: “tempo de nascer e tempo de morrer”. (Ecl 3, 2). Abraão, para enterrar o corpo de sua companheira e prestar-lhe homenagem, inicia uma tradição de campo-santo e, mesmo estando em terra estrangeira, lhe é concedida a gruta que tanto queria, denotando a honra e a solidariedade que o sofrimento da separação gera em todas as culturas.

Na tradição da religião Yorubá, o Orixá Oxossi conhece a morte, e volta renovado dela como Odé. Otelo chora sua amada e Dante percorre os nove círculos para descobrir o que acontece na morte, após o comportamento que cada um teve em vida

As características simbólicas, expressadas através das cores, também denotam uma similaridade entre as culturas; por exemplo, a cor roxa, em várias religiões associada à morte, se faz presente na indumentária do padre que dá a extrema unção, no forro do caixão, na mortalha sacerdotal, na roupa da Velha Ancestral Nanã, a Orixá da Morte na cultura Yorubá e na nova Era, com o Conde de Saint-Germain, que tem a cor violeta como símbolo de transmutação e renovação espiritual.

⁸ Ceres na mitologia romana ou Demeter na mitologia grega, deusa da terra cultivada; foi a primeira a utilizar o arado (KERÉNYI, 2015, p. 72).

⁹ Perséfone era filha de Demeter com Zeus, na mitologia grega (KERÉNYI, 2015, p. 72).

O alimentar aos mortos, ainda praticado em inúmeras culturas, como a mexicana e a japonesa, vem de tempos imemoriais, quando se destinava a eles provisões para o caminho. Também deixavam moedas para que o Barqueiro Caronte¹⁰ fizesse a travessia dos mortos para os Campos Elísios. Esta mesma ideia de pagamento (ou justiça) se faz presente no livro Tibetano dos Mortos, quando se diz que serão pesadas as suas ações (WENTZ, 2020, p. 150).

Na Epopéia de Gilgamesh, este lamenta a morte de seu querido amigo Enkidu e inicia uma jornada na busca da imortalidade, pois a morte lhe dá medo. Marchadour (1984, p. 23) afirma que possivelmente o autor de Gênesis 2 e 3 conhecia a história da planta da vida que Gilgamesh encontra no fim de sua jornada, e que virou, nos textos judaicos — e posteriormente também cristãos —, a árvore da vida. “Não houve, Gilgamesh, ninguém que tenha feito este caminho, da montanha ninguém jamais viu as profundezas”. O autor também salienta que as duas árvores, a da vida e a do conhecimento do bem e do mal estão juntas nos relatos bíblicos, entretanto não há compatibilidade entre ambas; não é possível ao homem possuir as duas. Para o autor, isso denota a incapacidade do ser humano de compreender o enigma da morte — “o homem é um deus porque tem a ciência, mas um animal porque morre”. Tal compreensão atravessa culturas e as várias religiões buscam responder a esse questionamento desde tempos antigos.

Com certeza, as diferentes religiões e seus ritos, textos e reflexões buscam entender o enigma da morte e alcançar respostas para significá-la. Através de diferentes elementos ritualísticos, mostram quão impactantes e similares são as consequências da morte, o sofrimento pela separação, a esperança por uma vida *post-mortem* para todo ser humano.

6 Implicações ecológicas dos ritos fúnebres

A base de um pesquisador em Ciência da Religião tem que ser a isonomia e um olhar crítico e holístico sobre o tema pesquisado. Seguindo o princípio de isenção, a direção desta pesquisa foi a de manter a imparcialidade e ao mesmo tempo considerar todos os pontos análogos nas religiões pesquisadas.

A Ciência da Religião intrinsicamente está ligada a uma multidisciplinariedade com outros campos epistemológicos como geografia, história, sociologia, psicologia, antropologia; seu entendimento globalizado permite identificar o norteamento característico e construtivo de uma base litúrgica.

¹⁰ Barqueiro Caronte – barqueiro do submundo, responsável por levar os mortos para o reino de Hades ou mundo inferior (KERÉNYI, 2015, p. 153).

As religiões estudadas têm como princípio um Divino Criador e, mesmo que de maneiras distintas, um retorno à origem. Se os ritos funerários buscavam, desde tempos imemoriais, a constituição de um solo sagrado como destino final do corpo físico, pressupõe-se que o meio ambiente era uma preocupação em todas as culturas.

Embora no passado fossem possíveis esses sepultamentos próximos ao lugar onde o morto residia, no século XVIII d.C. há uma preocupação crescente com o destino dado aos corpos e os impactos dos seus restos mortais sobre aqueles que ainda estão vivos. Tal preocupação surgiu principalmente em decorrência do avanço das disciplinas ligadas às ciências biológicas e à medicina, com relação à saúde da população. Mais recentemente, esta preocupação ampliou-se para os impactos ambientais resultantes da presença dos cemitérios, principalmente em ambientes urbanos.

A insalubridade dos cemitérios é uma preocupação na Paris do século XVIII d.C. Ariès (2014, p. 640) relata que, no ano de 1737, o Parlamento de Paris encarregou os médicos de um inquérito sobre os cemitérios. Para se sentirem mais próximos da salvação, era costume o enterro dentro das igrejas ou em seus arredores, porém esta cultura foi duramente discutida pelos investigadores e administradores das igrejas da época.

[...] a fábrica da Igreja reconheceu que as queixas são justificadas. A irmandade procurou, aliás, um lugar nos confins da cidade, com o objetivo de levar para lá o seu cemitério. Não há dúvida: todos, ou quase todos, hoje, estão convencidos da insalubridade dos cemitérios. Fica-se surpreendido como se puderam abandonar os costumes racionais dos antigos durante a Idade Média e sob a influência da superstição, e como foi possível suportar, durante séculos, focos de pestilência e espetáculos de horror bem no centro das cidades, em meio às habitações! (ARIÈS, 2014, p. 649).

É possível perceber esta preocupação também no Brasil, quase no mesmo período em que ocorria na Europa, com uma visão sanitarista sobre o destino final do morto e, principalmente, para que houvesse a construção de cemitérios separados das Igrejas e afastados das cidades.

Para Vieira (2005 *apud* CARNEIRO, 2009), embora esta lei tenha surgido em 1801, em uma carta régia de Minas Gerais, somente em 1917, o Código de Direito Canônico proibiu definitivamente os enterros nas Igrejas. “Cân. 1242: Não se sepultem cadáveres nas igrejas, a não ser que se trate do Romano Pontífice, de Cardeais ou de Bispos diocesanos, também os eméritos, que devem ser sepultados em sua própria igreja” (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 1983, p. 83).

Segundo o historiador João José Reis (1991, p. 115), em seu livro *A morte é uma festa*, em 1836, na Bahia, houve uma revolta conhecida como Cemiterada, cuja “a motivação central foi a defesa de concepções religiosas sobre a morte, os mortos e em especial os ritos fúnebres”.

Nesta época, o médico higienista Antônio José Alves também se posicionou contra os malefícios dos enterros em locais próximos da comunidade, pois “*mortos e vivos deviam ficar separados*”.

Mais recentemente, essa preocupação com o meio ambiente, com o nosso habitat, ficou relegada, por assim dizer, aos ativistas ecológicos; porém, essa consciência ecológica tornou-se assunto presente em esferas globais e está incluída na Agenda 2030 da ONU, devido a questões sanitárias oriundas da contaminação originada por estes ambientes. Sendo assim, cumpre analisar na atualidade o destino dado aos corpos no processo de sepultamento e seu impacto ambiental no solo.

O corpo físico sem vida, em seu processo de decomposição, começa a produzir um líquido denominado *necrochorume*; este, por sua vez, contém agentes patogênicos que, se não forem devidamente controlados, podem ocasionar contaminação das águas subterrâneas nas áreas de localização dos cemitérios.

Os campos-santos foram inicialmente construídos em áreas afastadas dos centros urbanos, porém, com o crescimento populacional, bairros foram construídos em seus entornos, e em muitas dessas construções não foram realizadas pesquisas geológicas de solo e nem se teve o cuidado necessário para evitar contaminações dos lençóis freáticos.

Segundo uma pesquisa realizada pela FUNASA, para a Engenharia de Saúde Pública, constatou-se que

Os cemitérios são fontes potenciais de impactos ambientais, principalmente quanto ao risco de contaminação das águas subterrâneas e superficiais por bactérias e vírus que proliferam durante os processos de decomposição dos corpos, além das substâncias químicas liberadas. Esta água contaminada, por sua vez, frequentemente acaba sendo utilizada pelas populações vizinhas às necrópoles. [...] O *necrochorume* é constituído de água, sais minerais, proteínas e 471 substâncias orgânicas, incluindo duas diaminas, que são muito tóxicas, a cadaverina e a putrescina, além de vírus e bactérias. (BRASIL, 2007, p. 21, 22).

Também podem estar presentes no *necrochorume*, resíduos oriundos da prática de tanatopraxia¹¹, que consiste em preparar e maquiar os mortos, dando-lhes um aspecto mais

¹¹ Tanatopraxia é o procedimento moderno de embalsamamento do cadáver, utilizando técnicas e produtos que evitam a decomposição rápida do cadáver.

favorável; também, em alguns casos, produtos químicos provenientes de quimioterapia e outros tratamentos hospitalares.

Esta preocupação é necessária e oportuna principalmente em um ano tão decisivo para a sociedade mundial, como 2020. Devido à pandemia instaurada pelo COVID-19, que ocasionou um aumento inesperado de sepultamentos, é relevante que a Saúde Pública tenha os olhos voltados para esta realidade.

Na pesquisa da FUNASA (BRASIL, 2007), cita-se a Person (1979, apud MIGLIORINI, 2002), para indicar que higienistas franceses correlacionaram na França a endemia da febre tifoide com a localização das águas de abastecimento em localidades próximas a cemitérios.

Um dos maiores pesquisadores sobre a contaminação do solo e das águas subterrâneas por cemitérios tem sido o professor Dr. Alberto Pacheco, da Universidade de São Paulo que, em pesquisa realizada em 1980, comprovou a contaminação bacteriológica em cemitérios no Estado de São Paulo (CAMPOS, 2007, p. 79).

As resoluções expedidas pelo CONAMA têm o caráter de regulamentar os impactos ambientais causados pelos cemitérios; a CETESB tem orientado quanto às questões de conservação do solo e principalmente do fluxo de lençol freático e drenagem, nas áreas de construção e manutenção dos mesmos. (CAMPOS, 2007).

A preocupação do impacto ambiental cemiterial, é um tema importantíssimo e de relevância, não somente em termos de ecologia, mas também por envolver um rito religioso presente em diversas culturas. No Brasil, a prática mais comum é o sepultamento em cemitérios horizontais. Porém, tem-se discutido os impactos ambientais minimizados pela cremação e pela construção dos cemitérios verticais.

As práticas ritualísticas, provenientes de uma convicção religiosa, precisam ser respeitadas; dessa forma, faz-se necessária uma discussão dos órgãos públicos competentes junto às entidades religiosas, no intuito de estabelecer regras e, principalmente, fiscalização ambiental constante nestes ambientes.

A frase em latim, que é possível encontrar nos cemitérios, *Revertere ad locum tuum* (retorna ao teu lugar) foi a escolhida para compor esta pesquisa devido justamente ao significado que a expressão traz em si, pois é abrangente e é empregada em praticamente todas as culturas religiosas: na tradição judaico-cristã, que informa que todos os homens voltarão à terra da qual são oriundos; nas religiões orientais, que acreditam em retornos necessários até a completa união com o Universo; nas culturas africanas e indígenas que atribuem uma ritualística que envolve alimentos aos ancestrais, como reverência aos seus feitos quando pertencentes a este mundo.

O solo, a terra, tão sagrada e consagrada nas liturgias, tem que ser a preocupação de todos, pois é ela uma das mantenedoras da vida e acolhedora na morte.

7 Considerações finais

No desenvolvimento deste trabalho sobre os ritos e rituais existentes, as principais fontes referenciais de pesquisa foram textos filosóficos, teológicos e antropológicos, que auxiliaram nessa compreensão, não absoluta, por ser um tema que proporciona um vasto campo de pesquisa, mas que instigue a continuar pesquisando e refletindo sobre este tema dual.

Através da pesquisa, pôde-se constatar que, em todas as sociedades, a morte é um fator preponderante para discussões sobre conduta moral de existência; definem-se diferentes rituais, os quais são condicionados a cada cultura, de acordo com o que lhe é mais caro.

Independentemente da localidade geográfica e cultura dos povos dos textos analisados, há sempre uma constante que norteia os registros bibliográficos e que ficou evidenciada: a reverência aos antepassados. A importância de um ser em vida será parte preponderante em seus ritos funerários. Guerreiros, sacerdotes, pessoas ditas comuns, sem títulos honoríficos, todas merecem uma despedida que remeta à sua importância entre os que participaram de sua existência terrena.

Presenciar um corpo inerte e que outrora apresentou tanta vida sempre conduziu o ser humano a uma reflexão religiosa, filosófica, social e também ecológica. A morte apresenta-se, assim, como a justa contrapartida para orientar a vida, seja ela individual ou coletiva. O medo de morrer contribuiu e continua contribuindo a passos largos para os avanços da medicina no sentido de retardar o envelhecimento e a cura de inúmeras doenças.

Um dos fatores que chamou a atenção, neste estudo, foram as similaridades em sociedades diversas, através do tempo, as quais conduzem à compreensão de que se a Vida nos separa, a Morte nos iguala e nos destina ao nosso tema inicial: *Revertere ad locum tuum*.

A história de civilizações registradas em seus livros sagrados ou transmitidas oralmente, honra a ancestralidade familiar ou comunitária, e perpetua ritos e rituais em diversas gerações. Essa é a expressão máxima de uma crença, uma fé inefável e como tal merecedora de respeito e objeto de constantes pesquisas. Isso se pode exemplificar com a Bíblia, cujas histórias e ensinamentos repercutem por séculos, chegando a nossos dias. Pode-se afirmar, de certa forma, que o mundo é bíblico em relação aos inúmeros ensinamentos e virtudes que transcendem o tempo, o espaço geográfico e a cultura semita, e chegam a nossos dias tão atuais como o eram na época em que foram escritos.

Passando por questões comuns a todas as sociedades e culturas, pode-se também notar que a consciência da morte incide não só em aspectos religiosos, ritualísticos e litúrgicos, mas também ambientais, principalmente com relação a questões sanitárias. Observou-se que, quando ocorrem alterações nas honras fúnebres, a cidade inteira se manifesta e é impactada pelas mudanças, não somente no aspecto físico, mas principalmente emocional e religioso. Já com relação à questão dos cemitérios, ao denominá-los de campos-santos, pode-se compreender sua real importância em um contexto histórico e cultural; há toda uma complexidade de costumes, ritos e rituais funerários que podem ainda ser estudados mais profundamente.

Saramago salienta “E se não houvesse morte, o que faríamos? Como seria a situação de todos?” O que é possível concluir diante deste tema tão complexo é que a morte, além de ser o destino certo de todo ser vivente, também é capaz de gerar reflexões e mudanças significativas na vida de uma pessoa ou comunidade, tanto nos aspectos religiosos, como nos sociais e culturais. A morte do outro talvez não cause comoção a todos, mas quando ela se torna presente e palpável, em alguém próximo e querido, se faz real; os impactos emocionais são sentidos de forma ímpar, gerando reflexões sobre o papel da vida e sua finitude.

Referências

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada**: Edição Corrigida e Revisada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Ed. Paulus, 2017.

BÍBLIA. **Bíblia Judaica Completa**. São Paulo: Editora Vida, 2010.

BRASIL. **Caderno de pesquisa em engenharia e saúde pública**. Brasília: Funasa, 2004. Disponível em: http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/manuais/arquitetura/Mnl_CaderPesq.pdf. Acesso em: 01 ago. 2020.

BRASIL. **Cemitérios como fonte potencial de contaminação das águas subterrâneas**. Brasília: Funasa, 2007. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br/documents/20182/39040/Cemiterios+como+fonte+potencial+de+contaminacao+MT.pdf/a824bad5-7e25-49f5-bf85-3c3f9eea570d>. Acesso em: 01 ago. 2020.

CAMPBELL, Joseph (org.). **Mitos, sonhos e religião nas artes, na filosofia e na vida contemporânea**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CAMPOS, Ana Paula Silva. **Avaliação do potencial de poluição do solo e nas águas subterrâneas decorrente da atividade cemiterial**. 2007. 141 f. Dissertação (Mestrado em

Aspectos religiosos, éticos e ecológicos da morte em várias culturas. *Reverdere ad locum tuum*: retorna ao teu lugar!

Saúde Ambiental) - Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2007.

CARNEIRO, Victor Santos. Impactos causados por necrochorume de cemitérios: meio ambiente e saúde pública. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DO MEIO AMBIENTE SUBTERRÂNEO, 1., 2009, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ABAS, 2009.

CARVALHO, Leonardo Augusto de Paula Freitas Barbosa de. **Necrochorume**: aspectos da mobilidade e da mitigação dos impactos. 2013. 43 f. Monografia (Engenharia Ambiental) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: https://www.ufjf.br/engsanitariaeambiental/files/2019/05/TFC_LEONARDO_necrochorume-CORRIGIDO.pdf. Acesso em: 14 ago. 2020.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, promulgado por João Paulo II, Papa. 4. ed. Tradução de Antonio Leite. Lisboa: Editorial Apostolado da Oração, 1983.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FILHO, Walter Malagutti; SILVA, Robson Wilians da Costa. Cemitérios como áreas potencialmente contaminadas. **Revista Brasileira de Ciências Ambientais**, São Paulo, n. 9, p. 26-35, 2008.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião?** Tradução de Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005.

KERÉNYI, Karl. **A mitologia dos gregos**. A história dos deuses e dos homens. São Paulo: Vozes, 2015. v. 1, p. 72.

MATIAS, Keidy Narely Costa. **Cartografias do Além**: o mundo dos vivos e o universo dos mortos no Antigo Egito. Orientadora: Marcia Severina Vasques. 2016. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/22440/1/KeidyNarelyCostaMatias_DISERT.pdf. Acesso em: 12 ago. 2020.

MATIAS, Keidy Narely Costa. Cartografias do Além: a sociedade dos vivos e a sociedade dos mortos do Antigo Egito. **Alétheia - Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo**, Jaguarão – SP, v. 10, n. 1, p. 51-59, 2015.

MARCHADOUR, Alain. **Morte e vida na Bíblia**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

MIKSIC, Beatriz Fonseca. **Questões sobre a morte e o morrer entre os egípcios e os hindus**: conservação ou destruição do corpo? 2012. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&v>

ed=2ahUKEwig3dWi6IvrAhVcLLkGHTOxB0wQFjAEegQIBhAB&url=https%3A%2F%2Ftede2.pucsp.br%2Fbitstream%2Fhandle%2F3404%2F1%2FBeatriz%2520Fonseca%2520Mickik.pdf&usg=AOvVaw37WU8aPCz4CnHqeIu9m1Cw. Acesso em: 08 ago. 2020.

MIGLIORINI, R. B. *Cemitérios contaminam o meio ambiente? Um estudo de caso*. Cuiabá: Editora da UFMT, 2002.

PRIEST, John. Mito e sonho na escritura hebraica *In: CAMPBELL, Joseph (org.). **Mitos, sonhos e religião nas artes, na filosofia e na vida contemporânea***. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, Claudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 1995.

WENTZ, Evans (org.). **O livro tibetano dos mortos**. São Paulo: Pensamento Cultrix, 2020.

WILKEN, Irmã Isabel Sampaio. O dilúvio no poema de Gilgamesh. **Revista de História**, São Paulo, v. 34, p. 15-40, 1967.